



## **Comercialização, organização e características das famílias feirantes da Praça Central Dedê Serpa em São Lourenço do Sul**

*Commercialization, organization and characteristics of the market families of the Central Square Dedê Serpa in São Lourenço do Sul*

HELLER, Hellen S. W.<sup>1</sup>; PORTO, Carmem Rejane Pacheco<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Graduanda de Agroecologia na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, [hllnheller@gmail.com](mailto:hllnheller@gmail.com);

<sup>2</sup> Docente do Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, [carmem.porto@furg.br](mailto:carmem.porto@furg.br)

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária**

**Resumo:** As cadeias curtas de comercialização de alimentos constituem-se de uma importante alternativa ao modelo agroalimentar atual. Um exemplo são as feiras, que permitem saber a procedência do alimento, a aplicação do preço justo e a criação de laços. O presente resumo visa apresentar os resultados encontrados na pesquisa realizada na feira da Praça Central Dedê Serpa, em São Lourenço do Sul/RS, sua organização enquanto comerciantes e agricultores, descrição dos produtos oferecidos aos consumidores, motivações para estarem nesse espaço de comércio, carências relatadas e revisão bibliográfica sobre agricultura familiar, cadeias curtas e feiras. Dentre os resultados mais expressivos estão o aumento de bancas com a presença de jovens e mulheres. Nesse contexto, a agroecologia exerce papel importante na disseminação dessa forma de comercialização e suporte técnico aos agricultores. Por fim, pretende apontar relações entre teoria e prática e elaborar uma base de dados sólida referente à feira.

**Palavras-chave:** agricultura familiar; cadeias curtas; feiras.

#### **Introdução**

No município de São Lourenço do Sul, localizado às margens da Laguna dos Patos, a maioria das propriedades rurais se enquadram na agricultura familiar e as culturas que mais se destacam são o fumo, os grãos e a criação de gado leiteiro e de corte, além de uma parte do município possuir produção diversificada de alimentos para o autoconsumo e para comercialização.

De acordo com a Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, Art. 3º, define-se o agricultor familiar e empreendedor rural como aquele que pratica atividades no meio rural e estipula os critérios para a definição como tal. São eles: possuir área máxima com 04 (quatro) módulos fiscais, utilizar predominantemente a mão de obra da família, ter renda predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e dirigir o estabelecimento ou empreendimento com a família.



Tratar sobre a agricultura familiar pressupõe que não se considere somente o aspecto econômico, visto que a mesma apresenta muitas outras dimensões: ambiental, social, cultural e política. São características inerentes associadas à agricultura familiar que a coloca como importante elemento na consolidação de uma produção agrícola que considere o uso racional dos bens e serviços da natureza, uma nova dinâmica das relações sociais com maior inclusão, bem como as dimensões culturais e econômicas no espaço rural (FINATTO; SALAMONI, 2008). São características como a diversificação da produção e a oferta de alimentos que colocam a agricultura familiar em destaque no território brasileiro.

A feira livre é um espaço de comercialização que ocorre semanalmente, em dias alternados, na Praça Central Dedê Serpa, onde encontram-se majoritariamente produtos *in natura* da época e, em menor quantidade, minimamente processados como geleias, sucos, chás e panificados. Algumas bancas oferecem somente produtos da agroindústria ou *in natura*, enquanto outras diversificam sua comercialização. Esse meio de comercialização se enquadra no que Schneider e Gazolla (2017) chamam de cadeias agroalimentares curtas, que podem ser definidas como uma forma diferente de interação entre produção e consumo, com presença de critérios como procedência e identidade dos produtos, além de valores sociais e ambientais.

Há relatos de feirantes que a feira livre da Praça Central Dedê Serpa começou por meio de uma parceria entre a Emater e algumas mulheres do município de São Lourenço do Sul que buscavam uma fonte de renda alternativa. Esse dado procede quando comparado ao estudo de Mesquita e Mendes (2012), que fala sobre a importância do trabalho feminino nas atividades relacionadas à produção e criação, na sobrevivência e manutenção da família. A presença feminina também é importante na comercialização da produção, visto que esse é um dos grandes problemas da agricultura familiar e a atuação das mulheres vem contribuindo para melhorar essa questão.

O esforço pelo início da feira se deu há pelo menos 45 anos. Atualmente, ao menos uma banca marca presença na feira desde então, demonstrando o papel importante daquele espaço como fonte e complemento de renda, criação e manutenção de laços de amizade e reconhecimento da atividade agrícola familiar e da feira como promotora do comércio justo e garantia de alimentos com boa procedência.

O estudo realizado visa compreender a dinâmica organizacional do comércio na feira da Praça Central Dedê Serpa, em São Lourenço do Sul/RS e relacionar a sua atuação com bibliografias consultadas, com a intenção de contribuir para a construção de uma base alicerçada em fontes primárias e secundárias sobre os processos e características envolvidas no contexto das cadeias curtas, utilizando como base o estudo bibliográfico e a pesquisa realizada com os feirantes pertencentes a agricultura familiar no local da feira.

## Metodologia



A pesquisa iniciou-se por meio de um estudo bibliográfico sobre os temas da agricultura familiar e cadeias curtas agroalimentares, além da busca pelo aspecto legal da agricultura familiar. Posteriormente realizou-se, no dia 07 de janeiro de 2023, uma entrevista com auxílio de um instrumento denominado questionário para com os agricultores feirantes que atuam na feira localizada na Praça Central Dedê Serpa aos sábados. A escolha do sábado se deu em decorrência de ser o dia que reúne o maior número de feirantes. Por meio do questionário, pôde-se analisar sua configuração, organização e características, buscando entender quem são os feirantes e quais são os produtos comercializados. Cada tópico visava coletar informações mais específicas, como relações familiares entre as pessoas da banca, motivações, outros locais de comercialização, questões sobre a produção (como o tipo de cultivo), as dificuldades e satisfações, e ainda se existem parcerias ou ajuda mútua, remetendo à economia solidária. Os dados encontrados na pesquisa feita no presente ano ainda foram comparados com termos vistos na revisão bibliográfica e em artigo já publicado sobre a pesquisa realizada entre 2015 e 2017 por PORTO e CHUQUILLANQUE (2021).

## Resultados e Discussão

Na pesquisa realizada, foram constatadas 22 bancas presentes no dia 07 de janeiro de 2023 (sábado); quando comparadas com a pesquisa de Porto e Chuquillanque (2021), identifica-se o aumento de 8 bancas na feira. Esse dado mostra que mais famílias viram o espaço da feira como oportunidade para melhorar sua renda, mas também o potencial de crescimento da feira, entre outras razões por ser um local acessível e promotor de desenvolvimento local. A partir da análise dos resultados, observou-se que o maior aumento no número de feirantes ocorreu entre 2021 e 2022, quando 04 bancas iniciaram suas atividades. O aumento no número de feirantes no período da pandemia evidencia que a feira foi uma alternativa para aqueles que precisaram aumentar ou garantir a sua renda, principalmente naquele período de agravamento da pandemia, o que reforça o argumento sobre a necessidade de ajuda mútua entre a agricultura familiar e consumidores (LAGASSI e PORTO, p. 136, 2022).

Entre os trabalhadores da feira de São Lourenço do Sul, estão presentes cerca de 25 mulheres e 20 homens na seguinte faixa etária: de 15 até mais de 65 anos, sendo que a maioria tem mais de 45 anos. Até 2017 não haviam feirantes com menos de 35 anos e atualmente, existem ao menos 5 trabalhadores nessa faixa etária; com isso, conclui-se que a presença de jovens no meio rural ligados à feira aumentou. O fato de os agricultores terem em sua maioria mais de 45 anos demonstra que uma parcela dos jovens possivelmente optou por deixar o campo e migrar para a cidade ou dedicar-se a outras atividades. Importante mencionar também a presença expressiva das mulheres, reiterando novamente o que Mesquita e Mendes (2012) já diziam sobre a importância da presença feminina no meio rural.

Como indica a Lei 11.326/2006, Art. 3º, pode ser considerado agricultor familiar quem utiliza a mão de obra da própria família e, dos entrevistados na feira, todos



atendem a esse critério, sendo que as famílias têm de 02 a 05 integrantes. Quanto à renda, das 22 bancas, 05 feirantes relataram que os ganhos na feira não são suficientes e alguém da casa precisa exercer alguma atividade fora da propriedade. Ploeg (2008), em suas elaborações sobre a pluriatividade, considera que tal se constitui como uma estratégia para complementação da renda.

Quanto ao modo de produção, se encontra o agroecológico (06), o ecológico (05) e o convencional (12). Cabe destacar que houve aumento no número de feirantes que comercializam produtos totalmente orgânicos ou agroecológicos quando comparado à pesquisa anterior. Em 2017, a pesquisa indicou 06 feirantes que comercializavam produtos orgânicos, sendo que os produtos agroecológicos estão inclusos nestes (PORTO, CHUQUILLANQUE, 2021). Os produtos *in natura* dos feirantes são provenientes da própria propriedade e eventualmente acabam comercializando produtos de vizinhos, amigos ou familiares agricultores, atendendo a alguns dos quatro pilares da economia solidária: cooperação, solidariedade, atividade econômica e autogestão (Atlas da Economia Solidária, 2006). Todos os feirantes levam os produtos individualmente até a feira.

Para a comercialização da produção, 08 agricultores utilizam somente a feira. O restante (14) possui, além da feira da Praça Central, outros meios como feiras próximas, vendas na propriedade e em pequenos mercados. Mesmo tendo outros locais de comércio, eles ainda se enquadram nas cadeiras curtas, remetendo a Giuca (2012) *apud* Schneider e Gazolla (2017), que mencionaram a redução dos intermediários e dos locais por onde o alimento passa como uma das características fundamentais de tal modelo comercial. O fato de ter um ou nenhum intermediário apresenta-se como oportunidade para que os agricultores obtenham maior renda a partir da feira, já que dessa forma não precisam desembolsar valores para que seus produtos sejam distribuídos ou ter seus produtos desvalorizados por conta de gastos nesse traslado.

Os agricultores relataram que decidiram comercializar na feira em busca de autonomia, liberdade, renda própria, estar mais próximo da família, por paixão pela agricultura e pela tradição familiar que foi construída historicamente. Os principais produtos oferecidos pelos feirantes são: hortaliças, frutas e produtos de origem animal; entre os semiprocessados estão as geleias, pães, bolachas, além de bancas que comercializam flores e suculentas, demonstrando a variedade de produtos disponibilizados.

Outro importante dado coletado mostrou que apenas 04 bancas têm participação em associações de apoio. As famílias de agricultores sentem falta de assistência técnica para produzir e se manter na feira. Essa carência já havia sido mencionada por Porto e Chuquillanque (2021) e se mantém até os dias atuais. Essas informações indicam que as políticas públicas de assistência técnica e extensão rural não conseguem alcançar efetivamente essa parcela de agricultores que comercializam sua produção na feira. Entre as dificuldades encontradas para a produção e comercialização, as maiores são: as épocas de frio e estiagem que prejudicam o desenvolvimento das culturas; a inexistência de divulgação de projetos



que deem suporte para os agricultores familiares em momentos de dificuldade; além disso, o fato de não existir uma estrutura apropriada que possa proteger os feirantes em dias de chuva, de vento e a falta de sanitários no local também dificulta a permanência no espaço da feira.

Quanto à satisfação com a renda obtida na feira, apenas 03 trabalhadores não estavam totalmente satisfeitos. Novamente trazendo os resultados de Porto e Chuquillanque (2021), percebe-se que houve uma redução na satisfação com a renda; naquela oportunidade, todos os feirantes estavam satisfeitos com os valores recebidos. Esse dado nos deixa uma reflexão e a possibilidade de uma nova pesquisa sobre a relação da insatisfação com a conjuntura política e econômica que antecedeu o período em que se realizou a presente pesquisa, onde a agricultura familiar vivia os impactos dos últimos anos de desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar.

## **Conclusões**

Com base no trabalho desenvolvido até aqui, pode-se inferir que a feira é um importante ponto de comercialização de alimentos no município de São Lourenço do Sul/RS. É classificada como uma cadeia curta de comercialização, o que se justifica por realizar majoritariamente venda direta ao consumidor ou possuir no máximo um intermediador, possibilitando aos agricultores a obtenção de maior renda com a comercialização de seus produtos na feira. Houve aumento nas bancas agroecológicas e orgânicas entre 2015 e 2023. Dentre as maiores demandas dos agricultores, estão a falta de acesso às políticas públicas e infraestrutura adequada no espaço da feira, ambas situações que se explicam pela ausência do Estado. O fator renda mostrou-se satisfatório à maioria dos entrevistados. Em suma, as feiras apresentam-se como um espaço interessante para a comercialização dos produtos da agricultura familiar, podendo promover a diversificação da renda, menor dependência de supermercados por parte dos consumidores e mais opções alimentares para a população da cidade.

## **Agradecimentos**

Um agradecimento especial à turma e à disciplina de Política e Desenvolvimento Territorial ministrada no 4º semestre do curso de Agroecologia na Universidade Federal do Rio Grande, no âmbito da qual realizou-se essa pesquisa.

## **Referências bibliográficas**

Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005. Brasília, MTE, SENAES, p. 60, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.



FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n. 2, p.199-217, 2008. 10.1590/S1982-45132008000200012.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2017. 520 p.

MESQUITA, L. A. P.; MENDES, E. P. P. **Mulheres na agricultura familiar**: a comunidade de Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). Uberlândia, MG, 2012. 20 p.

PORTO, C. R. P.; CHUQUILLANQUE, D. A. Caracterização dos feirantes e percepções dos consumidores sobre a Feira Livre de São Lourenço do Sul - RS. *In: Extensão Rural: práticas e pesquisas para o fortalecimento da agricultura familiar*. S/L, v. 2, S/N, p. 139-153, maio, 2021.

PORTO, C. R. P.; LAGASSI, T. R. Agricultura familiar em tempos de pandemia do covid-19: Impactos sociais e econômicos. **Revista Tocantinense de Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 127-139, 2022. DOI: 10.20873/rtg. v11n23p127-139.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Tradução: Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 33-71.